



3

## reflexões sobre a Igreja

Comove-me aquela evocação do dito de Jesus Cristo sobre a origem do poder de perdoar, que reside no coração das pessoas humanas quando estas se deixam habitar pelo amor de Deus que, no cristianismo, não pode existir marginalizado do amor dos outros, nossos próximos.

# *o perdão*

Minha Princesa de mim:

**E**scrive Sylvie Courtine-Denamy em *Trois femmes dans de sombres temps* (Edith Stein, Hannah Arendt, Simone Weil): Para Arendt, o perdão é um conceito com função importante: **«Se não fôssemos perdoados, libertados das consequências do que fizemos, a nossa capacidade de agir seria como que encerrada num ato único do qual nunca mais nos poderíamos levantar; ficaríamos para sempre vítimas dessas consequências, tal como um aprendiz de feiticeiro que, à falta de fórmula mágica, não poderia quebrar o encanto»**. O perdão surge assim como libertação possível da irreversibilidade da ação, **«quando não sabíamos, não podíamos saber o que fazíamos»**. É a Jesus de Nazaré que ela aqui se refere, a Ele ter sabido suster que o poder de perdoar **«não vem de Deus [...] mas deve, pelo contrário, trocar-se entre os homens que, só depois disso, poderão esperar ser também perdoados por Deus»**. As citações de Arendt aqui feitas por Courtine-Denamy são todas respigadas da versão francesa de "The Condition of Modern Man", publicada em 1961 e 1983, pela Calmann-Lévy (*La Condition de*

*l'homme moderne*, tradução de G. Fradier, com prefácio de Paul Ricoeur). Mais adiante, observa: Por outras palavras, o perdão é libertador. Na verdade, só o amor pode perdoar, na medida em que **«se desinteressa, a ponto de ser totalmente ausente do mundo, daquilo que possa ser a pessoa amada, das suas qualidades e dos seus defeitos, como dos seus êxitos, omissões ou transgressões»**. Eis porque é que o amor, sendo **«estranho ao mundo»** é, não só **«a-político»**, mas **«antipolítico»**. Temos, pois, de concluir que se Hannah Arendt muito perdoou a Heidegger, foi também por tê-lo amado muito. Está assim aqui resumido tudo o que, *mutatis mutandis*, eu te irei dizendo a seguir.

Comove-me aquela evocação do dito de Jesus Cristo sobre a origem do poder de perdoar, que reside no coração das pessoas humanas quando estas se deixam habitar pelo amor de Deus que, no cristianismo, não pode existir marginalizado do amor dos outros, nossos próximos. Será que, cultivados por gerações sucessivas de "mestres" (alguns deles lembrando *a contrario* o dito de Jesus: *o mais pequeno entre todos vós, esse é o grande*) - "mestres" esses mais inspirados pelo formalismo do rigor canónico, pelo resguardo da sua autoridade, ou

pelo policiamento de adventícias "heresias", do que pela mensagem fulcral do cristianismo que é o mandamento do amor com toda a misericórdia de que ele é capaz -, já não nos conseguimos libertar o infinito que desafia cada extensão do nosso coração, isto é, a primazia ética de saber "perdoar não apenas sete vezes, nem sete vezes sete, mas setenta e sete vezes sete"? O perdão não pode ostracizar, ele é, como tão bem nos conta a parábola do Filho Pródigo, cujo Pai sai ao seu encontro para lhe abençoar o regresso, acolhimento por excelência. Quando refletirmos sobre casos de divorciados recasados e muitos outros, é bom que o nosso pensarsentir seja, primeiro, acolhimento e reconciliação. Quiçá essa reflexão também nos leve a reconsiderar a qualificação, como pecado, de divórcios e segundos casamentos. Até haverá casos em que sejam inevitáveis ou, mesmo, sejam a melhor solução para pais e crianças envolvidos. Parafraseando: "a instituição matrimonial é feita para o homem, não o homem para a instituição". E, ao interrogarmos sobre qualquer repúdio de homossexuais (que, ainda por cima, para quem esteja ao corrente das ciências de hoje, de modo algum podem ser considerados deficientes, diminuídos, psicopatas ou, menos ainda, pecadores por natureza), deveremos lembrar-nos do ser humano, nosso igual irmão em Cristo, e esquecer preconceitos

culturais insustentáveis. E ninguém se esqueça de que nenhum de nós é juiz do outro, verdade que o Papa Francisco tem lembrado: *Quem sou eu para julgar?* Entristece-me muito deparar com tantas situações em que ministros ao serviço da Igreja de todos, se atêm à ideia de que o poder de perdoar lhes vem de Deus - que lhes entregou não só códigos ou regras definidoras dos pecados, como ainda tabelas de classificação destes e das respetivas penas aplicáveis, para que eles, e só eles, possam exercer, por delegação do Altíssimo Juiz, o poder de absolver ou condenar - e se esquecem de que perdoar, reconciliar, é o dever fundamental da nova lei de Cristo, de cumprimento a todos exigível, ao ponto de ser inaceitável uma oferta presente no altar, enquanto não me reconciliar com meu irmão. Na Igreja Apostólica, a confissão dos pecados e a determinação da pertinente penitência era comunitária, como ainda hoje se pratica nos capítulos das antigas ordens monásticas e religiosas. E o pecado que cada um anunciava ao perdão dos seus irmãos não era uma acusação escrupulosa, ou mais ou menos narcísica de um ato individual, mas a apresentação, à correção fraterna de cada igreja ou comunidade, de intenções consentidas, atos praticados ou omissos que, de um ou outro modo, pudessem ser ou tivessem sido atentatórios da caridade comunitária, isto é, da justiça como

direito de todos e de cada um. Donde o lema: "Deus habita a caridade".

E porque o acolhimento é desígnio de Deus, a igreja não se fecha à chave [conclave, só cardeais para eleição do papa, o que diz muito sobre o clima de conspirações e intrigas, e as movimentações de influências que tiverem de ser controladas], mas é bom pastor aquele que deixa o rebanho no redil para ir lá longe buscar a ovelha transviada. Ou que, a exemplo de Jesus, acolhe *La Traviata*, a transviada. Conta-nos o Evangelho de Lucas (8, 36-50), em tradução de Frederico Lourenço:

*Convidou-o um dos fariseus para comer consigo e, entrando em casa do fariseu, tomou o seu lugar à mesa. E eis que certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, ao saber que ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. E colocando-se por detrás dele e chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas; secava-os com os cabelos e beijava os pés dele e ungiu-os com perfume.*

*Vendo isto, o fariseu que o convidara disse para consigo: «Se este homem fosse profeta, saberia quem e que tipo de mulher é esta que lhe está a tocar, porque é uma pecadora.»*

*Então Jesus disse-lhe em resposta: «Simão, tenho uma coisa para te dizer.» Ele disse:*

*«Fala, Mestre.» «Dois devedores tinham um prestamista: um deles devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?» Simão disse em resposta: «Aquele a quem perdoou mais dívida, creio eu.» Jesus disse-lhe: «Julgaste bem.» E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: «Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e secou-os com os seus cabelos. Não me deste um beijo; mas ela, desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés. Não me ungiu a cabeça com azeite, e ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso, digo-te que lhe estão perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas aquele, a quem pouco se perdoa, pouco ama.» Depois, disse à mulher: «Os teus pecados estão perdoados.»*

*Começaram então os convivas a dizer entre si: «Quem é este que até perdoa os pecados?» E Jesus disse à mulher:*

*«A tua fé te salvou. Vai em paz.»*

À atenção e ao cuidado de qualquer pecador e de qualquer "mestre", entre os muitos que todos nós somos, deixo a nota observadora do professor Frederico Lourenço: **«estão perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama»** - a

*formulação da frase em grego (hai hamartíai hai polláí) sustém a interpretação de que foram perdoados **todos** os pecados da mulher. O amor, como circunstância mitigadora do pecado («**porque** muito amou») - faz pensar em 1 Pedro, 4, 8: «acima de tudo mantende entre vós um amor intenso, porque **o amor cobre a multidão dos pecados**. Curiosa é a ideia de que aqueles que têm poucos pecados por perdoar são pessoas que pouco amam. Nesta última frase, o tempo verbal é o presente; no caso do amor da pecadora, é o aoristo (égapêsen: amou pontualmente no passado); e no caso dos pecados perdoados, temos o perfeito, permitindo a tradução «os teus pecados **foram e continuam perdoados**», em virtude da força semântica do perfeito grego como resultado presente de uma ação passada.*

Esta afirmação de que «**os teus pecados foram e continuam perdoados**» parece apontar para um amor misericordioso sempre ativo e sem repouso, uma vocação à conversão que, como diria Hannah Arendt, *nos liberta das consequências do que fizemos e restaura a nossa capacidade de agir*. O repúdio da pena de morte fundamenta-se no respeito da vida até às suas próprias capacidades de renovação, a misericórdia do Deus dos vivos não se seca, não é juíza impositora de sentenças e penas, é, sempre e só, um apelo à

*metanoia...* Escrevo-te a 21 de setembro, dia de festejar São Mateus, o cobrador de impostos e a sua pessoa nova que seguirá Jesus como seu apóstolo. E leio um passo do Evangelho do seu homónimo (nada, em verdade, nos permite identificar o apóstolo com o evangelista), trecho que está em Mateus, 9, 11-13:

*E os fariseus disseram aos discípulos dele: «Porque razão come o vosso mestre com cobradores de impostos e com pecadores?» Jesus, porém, ouviu e disse: «Os saudáveis não têm necessidade de um médico, mas sim os doentes. Mas ide e aprendei o que é isto: **quero misericórdia e não sacrifício**. Não vim chamar os justos, mas sim os pecadores».*

Aqui chegada esta carta, sei que deixarei para outras o quase tudo que tenho ainda para te dizer. Porque, na verdade, não é fácil agir com justiça, nem superar a nossa perplexidade, sempre que nos deparamos com o dilema que contrapõe o rigor do juízo à misericórdia do pensarsentir. E bem sabemos que não há vida social possível sem ordenamento jurídico, nem direitos de todos e cada um sem justiça.

Camilo Maria

*Camilo Martins de Oliveira*

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/cartas-de-camilo-maria-de-sarolea-714341>  
(14.10.2018)

# Senhores Bispos

**A**BUSOS SEXUAIS NA IGREJA? PEDOFILIA? JÁ SABEMOS. A COMUNICAÇÃO SOCIAL ANUNCIA, DISSERTA, DESENVOLVE. A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) já se pronunciou. Alguns bispos evocaram, nos seus documentos quaresmais. O assunto não morreu, o tema ressuscita a cada dia. É mais que universal. Monstruoso.

Tomando outro enfoque, centro-me na nossa concreta sociedade, em que, sem distinção de classes, a tradição, o costume, a prática de violência doméstica são hoje notícia constante. Os números cortam-me: doze mulheres assassinadas nas primeiras dez semanas do ano. Nas primeiras doze semanas, 131 suspeitos de crimes de violência doméstica por violação, lenocínio, agressão grave. Por dia, duas pessoas, homens e mulheres, detidas por violência doméstica, neste primeiro trimestre do ano. Falam os magistrados em "números negros", a procuradora-geral da República classifica "este cenário desolador".

Mais meios de responsabilizar, menos penas suspensas, são considerados, ganham espaço de debate. Soubemos que, em 2018, a PSP e a GNR receberam 26.439 queixas de violência doméstica. "Mais luta e menos luto" foi frase pronunciada no Parlamento, que aprovou maior transversalidade entre ministérios para a prevenção e o combate contra a dita violência doméstica.

E tomo, assim, a liberdade de questionar a nossa respeitável Conferência Episcopal sobre o seu silêncio em face desta realidade. Um número crescente de católicos atentos espera uma palavra, uma posição, uma proposta de ação. Espera que a nossa CEP aplique o discernimento à avaliação dos sofrimentos nas grandes cidades e nas aldeias remotas. Existe uma rede paroquial que poderá, lúcida e concretamente, atenuar estes sofrimentos. Considerando a dignidade dos mais frágeis, mais pobres, mais vulneráveis, mais dependentes. Transformando mentalidades, corrigindo conceitos de poder e submissão, debilidade e força, simplesmente cumprindo a Palavra de Jesus. Neste tempo de retirada de Quaresma e meditação sobre as desordens e desgraças da nossa condição humana, vou desafiando perguntas que se encadeiam sem parar.

O que têm comum os consultórios dos médicos e os confessionários dos padres? O corpo despido e a alma exposta? O espaço de liberdade? O desabafo? A queixa? O ouvido que escuta? A misericórdia que perdoa? Tanto quanto os médicos, os padres são ainda sabedores dos segredos de nós e dos outros? Mesmo neste ambiente de desabafo anónimo em redes sociais?

E por aí fora, sem parar, chegaríamos ao infinito da associação de ideias, no invisível das grandes perguntas, na imaginação das rotinas, na imensidão de casos e gente que ao longo de uma vida vai desfilando por nós. Na Comédia Humana a que assistimos, e em todas as classes sociais, talvez hoje exista mais infelicidade clandestina do que o sucesso que se quer afirmar, aparente.

Senhores Bispos: esperamos.

**Leonor Xavier**

<https://setemargens.com/senhores-bispos/> (23/03/2019)

a Igreja nunca definiu a existência do inferno como dogma de fé

# o Deus do inferno não pode ser verdade

se o inferno existisse, - que não pode existir, nem ser verdade – seria Deus

**F**alo do inferno, porque o que estamos a viver se parece com um inferno. Mas é claro que, quando se fala deste assunto, a primeira coisa que ocorre a muita gente é aquela pergunta que sempre nos preocupa e assusta: **o inferno existe?**

A resposta, para começar, é rápida e firme. Se com a palavra “inferno” nos referirmos à condenação eterna, ao fogo eterno e a todo esse jargão usado, incansavelmente, pelos padres durante séculos, nos seus sermões, para assustar e subjugar as pessoas, então afirmo com toda a segurança: não existe inferno. Não pode existir. Porque se o inferno, tal como o explicam os pregadores da repressão, existe, então é porque não existe Deus. **O Deus do inferno não pode ser verdade.**

Eu explico. O inferno, entendido como no-lo apresentam os padres, é um castigo. Um castigo eterno, que, portanto, nunca terá fim. O que quer dizer que o inferno eterno só pode ter uma finalidade: provocar sofrimento. Mas **poderá Deus**, que é Bom e a própria Bondade, **praticar uma tão espantosa e repugnante atrocidade?** Um castigo (qualquer castigo) justifica-se “como meio”, para se conseguir algo que é bom (educar, evitar males maiores, humanizar-nos...). Um castigo que mais não seja do que um “fim em si mesmo”, só pode ser proveniente da maldade. **Se o inferno existisse, - que não pode existir, nem ser verdade – seria Deus.** O Deus-Bondade seria na realidade, o Ser mais cruel e vingativo que algum dia se inventou.

Por outro lado, **a Igreja nunca definiu a existência do inferno como dogma de fé.** O que a Igreja nos ensina é que quem morre em pecado mortal se condena. Mas o que a Igreja nunca definiu é que alguém tenha morrido em pecado mortal. Nem a Igreja pode definir semelhante coisa. Porque tudo o que transcende este mundo (por exemplo, o para além da morte) isso já não está ao alcance do imanente incluindo a própria Igreja.

Assim sendo, lemos no Evangelho: “Se a tua mão te escandalizar, corta-a... Se o teu pé te escandalizar, corta-o... E se o teu olho te escandalizar, arranca-o...” (Mc 9, 43-47). Que quer dizer Jesus com isto? A resposta é bem clara. A **integridade ética** é tão fundamental e importante na vida, **que se deve antepor à integridade corporal**. O que é a mais forte ponderação que se pode fazer da honradez e da honestidade.

Vivemos tempos em que a degradação e a corrupção são tão abundantes, que temos de ser bem determinados sobre este problema capital. Há que estar pronto para perder não só lucros, posses e caprichos, mas mesmo a ficarmos mancos ou estropiados, até mesmo a que nos arranquem a pele (se necessário), a fim de não nos deixarmos arrastar para a mentira, a burla ou uma “vida dúplice”, a fim de ganharmos dinheiro, nos tornarmos importantes, ou alcançarmos posições de poder e autoridade.



**É uma vergonha o que estamos a ver e a viver.** Como é possível que a riqueza global do nosso país aumente todos os anos e que, ao mesmo tempo, haja cada vez mais pessoas desesperadas por não poderem chegar ao fim do mês?

Onde se mete e se acumula tanta riqueza alcançada à custa de tanta gente sujeita à extrema necessidade?

E confesso que o que mais me indigna, neste vergonhoso tema, é o facto de serem os grupos sociais mais religiosos, os partidos políticos mais católicos, os amigos dos bispos e, até, os próprios bispos que, utilizando uns os seus paraísos fiscais, outros manejando, habilmente, os seus silêncios, outros ainda ficando de braços cruzados para se não meterem em sarilhos, **vamos todos contribuindo para a construção dum mundo insuportável**. Que haverá a fazer, para que se nos cubra a cara de vergonha, a uns, pelo que fazemos, a outros pela nossa passividade? Ao menos, digo eu, **“tenhamos vergonha”**.

José María Castillo. Teólogo.

<http://www.periodistadigital.com/religion/opinion/2018/05/25/religion-opinion-teologia-iglesia-dogma-fe-existencia-infierno-dios-pecado-hipocresia-verguenza.shtml>